UM ESTUDO SOBRE O CIÚME EM DOM CASMURRO E SÃO BERNARDO

A STUDY ABOUT JEALOUS IN *DOM CASMURRO* AND *SÃO BERNARDO*

Larissa Cristina Arruda de Oliveira¹

laliarruda@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo pretende fazer uma análise comparativa entre as obras de dois grandes romancistas brasileiros – São Bernardo, de Graciliano Ramos e Dom Casmurro, de Machado de Assis – no que se refere ao tema do ciúme, visto sob a perspectiva da concepção do casamento na sociedade brasileira dos séculos XIX e XX, como uma reafirmação da ordem tradicional do poder.

Palavras-chave: Ciúme. São Bernardo. Dom Casmurro. Ordem tradicional do poder.

Abstract: This paper aims to make a comparative analysis between the literary works of two great Brazilian novelists – São Bernardo, by Graciliano Ramos and Dom Casmurro, by Machado de Assis – referring to the theme of jealousy, seen by the perspective of marriage conception in the nineteenth and twentieth centuries' Brazilian society, as a reaffirmation of the traditional order of power.

Key-words: Jealousy. São Bernardo. Dom Casmurro. Traditional order of power.

Introdução

O que aproxima Graciliano Ramos de Machado de Assis é a mesma concepção de vida, o mesmo julgamento dos homens, ao lado de uma semelhante estrutura em suas obras, para elencar algumas das linhas de aproximação entre ambos. Já houve quem falasse de influência de um autor em outro, e “Graciliano se defendeu com o argumento fulminante de que não havia lido antes Machado de Assis...”, (LINS apud RAMOS, 1974, p. 26). O problema dessa influência pode ser esclarecido pela história literária; o que nos interessa aqui é a aproximação e semelhança entre tais obras, Dom Casmurro e São Bernardo, e, sobretudo, entre os narradores, “o que não nasce só da influência direta de um autor sobre o outro, mas de uma certa identidade de sentimentos em face da vida e da literatura” (LINS apud RAMOS,

¹ Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Bolsista CAPES. Orientadora: Profa. Dra. Tânia Pellegrini. Bolsista CAPES.

1974, p. 26). O elo entre a ficção e a sociedade em que viveram é absolutamente fundamental para suas obras.

Graciliano e Machado são homens envolvidos com as questões sociais de sua época. Em seus romances, por trás das crises aparentemente triviais de um casal motivadas por ciúme, está o tecido das razões, a relação entre dependentes e famílias de posse sob o signo da proteção, a supremacia do poder dos proprietários de terras, a tentativa de submissão do outro. Nesse caso, o outro é a esposa, que, como veremos, é peça fundamental nas obras.

Além disso, os dois romances estão próximos quanto as suas características realistas, “se entendemos por realismo a intenção do romancista de revelar, através da ficção, a verdadeira natureza da sociedade que está tratando” (GLEDSON, 1991, p. 13). Os microcosmos familiares, vistos como metáforas das classes sociais, também desvendam verdades sobre a composição política, ideológica e até religiosa da sociedade brasileira do Segundo Reinado e da Primeira República.

Conforme veremos, as personagens centrais dos romances aqui analisados são os casais: Bentinho e Capitu, de Dom Casmurro, e Paulo Honório e Madalena, de São Bernardo. Vivendo em contextos históricos próximos, as personagens masculinas partilham da mesma concepção de casamento visto sob a perspectiva do ciúme e do poder do homem. Sendo assim, através da análise dos caracteres que compõem as personagens e da posição que ocupam na sociedade e na narrativa, faremos uma comparação entre eles, destacando a posição do narrador protagonista.

Bentinho e Paulo Honório

Bento Santiago, ex-seminarista, é advogado, filho único da viúva dona Glória, matriarca da família Santiago, possuidora de propriedades, além de escravos e muitos dependentes. Depois de sair do seminário, estudar direito em São Paulo e casar, Bento se torna proprietário.

Paulo Honório não possuía família, pois ignorava a própria origem; não contava com amigos, não morava em parte alguma, não conhecia qualquer código que devesse respeitar. Cresceu fazendo negociações ilícitas. Como nunca tivera nada, cedo aprendeu que viver é possuir, sobretudo, riquezas materiais.

Fora enxadeiro de Salustiano Padilha nos velhos tempos da fazenda São Bernardo, e a única lembrança que conservava fora de ali ter sido explorado. Quando se sentiu suficientemente forte, regressou para arrebatá-la a fazenda do herdeiro do seu antigo patrão.

Assumindo a propriedade de São Bernardo, Paulo Honório assume-se a si mesmo como o proprietário de terras:

O caráter excepcional de Paulo Honório, entre outras coisas, se expressa na complexa integração dos valores feudais e dos valores capitalistas que formam a sua personalidade. Movido por uma sede de lucro e de domínio que é própria do capitalista, Paulo Honório é no essencial um burguês típico. (COUTINHO, 1966, p. 122).

Capitu e Madalena

Capitolina é a vizinha pobre de Bentinho e seu amor de infância:

Criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma a outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. (ASSIS, 2008, p. 34)

Capitu, como era chamada, é filha de um funcionário público que tem sua própria casa. Todavia a relação entre a sua família e a de Bentinho, disfarçada pela intimidade das crianças, é de favores.

Capitu cresce e torna-se uma mulher independente, com ideias próprias e “atrevidas”; forte e decidida, é conhecida pelos olhos profundos e diferentes, de acordo com a circunstância: ora olhos de “cigana oblíqua e dissimulada” (ASSIS, 2008, p. 62), ora “olhos de ressaca [...] que traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia em dias de ressaca.” (ASSIS, 2008, p.80), ou ainda “olhos que o diabo lhe deu” (ASSIS, 2008, p. 62), segundo o narrador. Assim, ele examinava-a através do olhar e fazia seus julgamentos.

Ela tem clareza mental, compreensão dos obstáculos e firmeza nas atitudes. Sabe a diferença entre compensações imaginárias e realidade, e não tem apreço pelas primeiras. Quando a mãe de Bentinho resolve cumprir a promessa de enviá-lo ao seminário a vizinha explode num espetáculo de independência de espírito e inteligência: “Beata! Carola! Papamissas!” (ASSIS apud SCHWARZ, 1997, p. 24). Em seguida ela reflete, aperta os olhos, quer saber circunstâncias, respostas, gestos, palavras, o som destas, presta atenção nos gestos de Dona Glória.

“A clareza na decisão supõe distância em relação ao sistema de sujeições, obrigações e fusões imaginárias do paternalismo.” (SCHWARZ, 1997, p. 25) Diferente dos demais dependentes, Capitu é superior, “ela não foge da realidade para imaginação e é forte o bastante para não se desagregar diante da vontade superior.” (SCHWARZ, 1997, p. 25)

Madalena é professora formada na escola normal. Fora criada por tia Glória, a quem preza muito; mais tarde, casa-se com Paulo Honório. Sai da cidade para morar na fazenda São Bernardo. Estudada, a moça tinha opinião própria. Sempre intervinha em favor dos empregados da fazenda e não hesitava em contrariar o marido, dizendo o que pensava.

Ambas eram mulheres corajosas e audaciosas para os tempos em que viviam. Madalena busca um sentido para sua vida na fraternidade e na solidariedade com seus semelhantes, mesmo que, para isso, tenha que enfrentar o marido:

- A ocupação de Maria Dolores não me agrada. E eu não vim aqui para dormir. [...] Outra coisa, a família de mestre Caetano anda sofrendo privações. [Madalena]. - Já conhece mestre Caetano? Perguntei admirado. A verdade é que não preciso mais dele. Era melhor ir cavar a vida fora. [Paulo Honório]. - Doente... [Madalena]. - Devia ter feito economia. São todos assim uns imprevidentes. Uma doença qualquer e é isto: Vai-se o lucro todo. [Paulo Honório] - Ele já trabalhou demais e está tão velho! [Madalena] (RAMOS, 2008, p. 111).

Madalena tem um caráter pioneiro por antecipar os valores que ainda permaneciam implícitos naquela classe social a que se ligava. Sua tragédia é a tragédia do revolucionário que antecipa a história, segundo Coutinho (1966, p. 124-125). Ela se opõe radicalmente ao mundo alienado e burguês de Paulo Honório. Nesse sentido, o humanismo de Madalena é abstratamente socialista, contém o socialismo como uma possibilidade, uma tendência. Mas ela é uma solitária, uma impotente diante da sociedade capitalista e patriarcal e está condenada à tragédia.

Ciúme: o cerne do conflito

A instância dramática de ambos os romances está centrada no ciúme, que, associado à autoridade do proprietário e marido, se torna uma força devastadora que destrói a vida das personagens centrais. O problema do ciúme advém da concepção que têm as personagens masculinas sobre o amor e o casamento.

[...] O conceito de casamento restringe a expansão livre do sentimento, pois o amor é um sentimento enjaulado pela cerimônia cristã (o casamento), e é este que possibilita a constituição da família. [...] É ainda masculina e burguesa a sua² concepção de casamento. Amar é casar, é comprar título de propriedade. Qualquer invasão estranha nesta propriedade – amante - acarreta um curto-circuito emocional que invalida os dois primeiros termos. (SANTIAGO, 2000, p. 31).

² Grifo nosso. Nesse caso, a concepção masculina e burguesa de casamento é da parte de Paulo Honório e Bento Santiago.

Bentinho dá demonstração de seu conservadorismo e de sua concepção de casamento, diferentemente de Capitu, desde a infância, no juramento do poço:

- Você jura uma cousa? Jura que só há de casar comigo?

Capitu não hesitou em jurar, e até lhe vi as faces vermelhas de prazer. Jurou duas vezes e uma terceira: - Ainda que você case com outra, cumprirei o meu juramento não casando nunca.

- Que eu case com outra?

- Tudo pode ser Bentinho. Você pode achar outra moça que lhe queira, apaixonar-se por ela e casar. Quem sou eu pra você lembrar-se de mim nessa ocasião?

-Mas eu também juro! Juro, Capitu, juro por Deus nosso Senhor que só me casarei com você. Basta isso?

Compreendeis a diferença: era mais que a eleição do cônjuge, era a afirmação do matrimônio. (ASSIS, 2008, cap. XLVIII, p. 119).

Capitu demonstra independência de espírito e inteligência, não só tem desígnios próprios como também possui opinião formada e crítica, diferentemente da posição submissa e dependente de Bentinho. A propósito do caráter da amiga, Casmurro observa que não lhe faltavam ideias atrevidas. Diante da decisão da matriarca de enviar o filho ao seminário, a menina revela sua “ideia atrevida”: “- Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no pacote e ia para Europa.” E sobre essa afirmação, o narrador revela “[...] Como vês, Capitu aos quatorze anos já tinha ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois.” (ASSIS, 2008, cap. XVIII, p. 48).

Essa mulher com ideias próprias cometeria adultério e, provavelmente, teria filho com outro homem, de acordo com a desconfiança de Bentinho, em seu discurso de acusação à esposa, baseado na verossimilhança dos fatos.

Segundo Schwarz (1997), a reviravolta decisiva dá-se quando Bento deixa de ser o filho dependente e se torna marido e proprietário, detendo poder das propriedades e sobre a esposa: “O novo Santiago não nasce da traição da mulher, mas da junção de vontades confusas, em partes inconfessáveis (o ciúme desatinado, os apetites sexuais diversos), com a autoridade patriarcal.” (SCHWARZ, 1997, p. 33).

Capitu, que imaginava fazer um bom casamento ao unir-se ao vizinho rico, diante do ciúme do marido, passa a ser enclausurada:

Quando íamos a passeios ou espetáculos, era como um pássaro que saísse da gaiola. Arranjava-se com graça e modéstia. [...] De dançar gostava, e enfeitava-se com amor quando ia a um baile; os braços é que...Os braços merecem um período.[...] No segundo baile; nesse, quando vi que os homens não se fartavam de olhar para eles, de os buscar, quase de os pedir, e que roçavam por eles as mangas pretas, fiquei vexado e aborrecido. Ao terceiro não fui [...]. (ASSIS, 2008, cap. CV, p. 246).

Como bem observa Schwarz (1997, p. 30), “A gaiola da autoridade patriarcal voltava a se fechar, sem apelação, conforme sugere a resignação lúcida e comovente a que termina *Capitu*”: isolada na Europa com o filho, morre longe de todos.

Assim, o casamento entre a vizinha pobre e o rapaz de família não representa apenas uma ascensão social, mas uma reafirmação da ordem tradicional do poder, do Antigo Regime, da herança colonial, do mando dos proprietários de terra. De acordo com Schwarz (1997, p. 34), “a dimensão autoritária da propriedade rouba a cena e galvaniza o antigo nhonhô, que agora se enxerga como vítima [...] e afirma pela força a sua disposição de mandar sem prestar contas.” (SCHWARZ, 1997, p. 34)

Nesse sentido, o ciúme condensa uma problemática social mais ampla: a da sociedade patriarcal em crise. Esse autoritarismo patriarcal e de classe que o desempenho do narrador machadiano coloca em cena, vai encontrar eco alguns anos depois em outro famoso proprietário de terras da literatura brasileira: o fazendeiro Paulo Honório.

Paulo Honório, desde o princípio, não esconde sua ambição de proprietário: “O meu fito na vida foi apossar-me das terras de S. Bernardo” (RAMOS, 2008, p. 12). Após a conquista da fazenda, resta-lhe a conquista de um herdeiro, conseqüentemente, de uma esposa. Essa talvez fosse a mais difícil aquisição, já que, como ele mesmo afirma, “mulher é um bicho esquisito, difícil de governar.” (RAMOS, 2008, p. 68). O objetivo de Paulo Honório era “casar com uma criatura que, sem maiores recursos e sem ninguém que lhe oferecesse proteção, ficasse reduzida a sua fragilidade. Criatura fácil de submeter ou eliminar.” (BUENO, 2006, p. 612). Mas Madalena não se encaixava bem no grupo das professorinhas de primeiras letras que a escola normal fabricava às dúzias.

Antes de tomar a decisão do casamento, dona Glória advertira que a sobrinha era professora, e que as professoras de primeira entrância tinham apenas cento e oitenta mil réis de renda. Paulo Honório se espanta e indaga como um cristão se sustenta com tal quantia por mês. Ciente da futura dependência econômica da moça, ele afirma: “Está visto que o casamento para as mulheres é uma situação [...]” (RAMOS, 2008, p. 100).

O casamento foi tratado como um contrato de compra, em que se escolhe friamente o bem material: “Resolvi escolher uma companheira e como a senhora se enquadra [...]. A senhora, pelo que mostra e pelas informações que peguei, é sisuda, econômica, sabe onde tem as vendas e pode dar uma boa mãe de família. [...] Se chegarmos a um acordo, quem faz um negócio supimpa sou eu.” (RAMOS, 2008, p. 101-102).

Mesmo diante das observações de Madalena, Paulo Honório insiste na negociação:

- Mas por que não espera mais um pouco? Pra ser franca não sinto amor.
- Ora essa! Se a senhora dissesse que sentia isso eu não acreditava. E não gosto de gente que se apaixona e toma resoluções as cegas. Especialmente uma resolução como esta. Vamos marcar o dia.
- Não há pressa talvez daqui um ano... Eu preciso preparar-me.
- Um ano? Negócio com prazo de ano não presta. Que é que falta? Um vestido branco faz-se em vinte e quatro horas. (RAMOS, 2008, p. 106).

Notamos a diferença de concepção de casamento para ambos. Enquanto Madalena quer um tempo para avaliar os sentimentos, Paulo Honório trata o matrimônio como um negócio, em que ele é o patrão e dá as ordens. Assim como Capitu, Madalena tem vontades próprias, age sem pedir permissão, o que visivelmente contraria os ideais conservadores e até machistas do marido, acendendo o ciúme:

Eu narrava o sertão. Madalena contava fatos da escola normal. [...] Não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais e são horríveis. Tenho visto umas que recitam versos no teatro, fazem conferências e conduzem um marido ou coisa que o valha. Falam bonito no palco, mas intimamente, com as cortinas cerradas, dizem: - Me auxilia, meu bem. (RAMOS, 2008, p.159).

Madalena não era propriamente uma intelectual, era somente uma professora da escola normal. Mas o simples fato de deter um conhecimento que Paulo Honório não possuía já lhe causava desconfiança: “[...] procuro recordar o que dizíamos. Impossível. As minhas palavras eram apenas palavras, reprodução imperfeita de fatos exteriores, e as delas tinham alguma coisa que não consigo exprimir.” (RAMOS, 2008, p. 118).

A devoção religiosa também aparece neste romance como bom exemplo de conduta: “Qual seria a religião de Madalena? Talvez nenhuma. [...] Tenho um pouco de religião, embora julgue que em parte, ela é dispensável num homem. Mas mulher sem religião é horrível” (RAMOS, 2008, p. 154-155), segundo Paulo Honório.

Paulo Honório não deixa de manter a ideologia senhorial, não se adequando aos tempos modernos e seus valores mais democráticos, que o levariam a aceitar os valores da mulher culta, intelectual e socialista, por opção política: “Sim senhor! Conluída com o Padilha e tentando afastar os empregados sérios do bom caminho. Sim senhor, comunista! Eu construindo e ela desmanchando!” (RAMOS, 2008, p. 154).

Madalena apresenta-se como o extremo oposto de Paulo Honório. Não aceita a subordinação que ele tenta impor a ela, por isso surgem os conflitos. Oito dias depois do casamento, acontece a primeira discussão. Durante o jantar, Madalena quis saber quanto ganhava seu Ribeiro e, considerando pouco duzentos mil réis, disse-o em voz alta, o que provocou a ira de Paulo Honório: “Cada macaco no seu galho. Que diabo! Eu nunca andei

discutindo gramática. Mas as coisas da minha fazenda julgo que devo saber. E era bom que não me viessem dar lições.” (RAMOS, 2008, p. 172).

O ciúme doentio da esposa faz com que Paulo Honório comece a desconfiar de tudo e de todos. Isso porque a relação com Madalena fugira a seu controle. Nessa confusão de sentimentos, ele se torna um homem cruel e violento: “Comecei a sentir ciúmes. [...] O meu desejo era pegar e Madalena e dar-lhe pancadas até no céu da boca.” (RAMOS, 2008, p. 158).

Madalena apavora-se. Temendo as ameaças do marido, leva uma vida de abatimento e define a olhos vistos. Em algum momento, chega a insinuar que recorrerá ao suicídio, por causa dos tormentos a que era submetida. Essa é a alternativa que ela encontra para livrar-se da dominação e dos desmandos de Paulo Honório.

Assim como Capitu, Madalena não se submete ao marido, portanto a solução para seus conflitos foi o autoenvenenamento. Mesmo cientes de sua culpa, Bentinho e Paulo Honório em nenhum momento imaginam a possibilidade de qualquer tentativa de inverter o ponto de vista e imaginar como o outro os veem.

A morte das personagens femininas nos romances pode ser interpretada como o abafamento da consciência de classes das personagens, metonímia para a consciência do povo, sufocada por quem está no poder. Luckás (1974) afirma que “a consciência de classe é determinada em conformidade com a classe pela sua própria situação econômica, histórica e social.” (LUCKÁS, 1974, p. 65).

Capitu e Madalena, cientes da classe a que pertencem, sabem que essa classe não poderá desempenhar mais do que um papel subalterno nem poderá intervir na marcha da história, pois estão predestinadas à passividade e, mesmo quando conseguirem uma vitória acidental, estarão condenadas a uma derrota final.

Nesse sentido, nos romances, vemos a vitória da classe dominante e do pensamento burguês, em que, segundo Luckás, o ponto de partida e o fim são sempre “a apologia da ordem existente das coisas ou, pelo menos, a demonstração da sua imutabilidade.” (LUCKÁS, 1974, p. 61).

Os narradores

Em *A poesia envenenada de Dom Casmurro*, Schwarz aponta a questão da autoria como uma primeira variante do tema da paternidade em *Dom Casmurro*. Ou seja, esse narrador não escreve o livro dentro do livro apenas para registrar para a posteridade suas memórias, ou para tentar entender suas angústias existenciais. Mas esse é um ato que reafirma

sua posição de classe, sua autoridade patriarcal. É através da sua visão paternalista, masculina e burguesa dos fatos que os leitores terão acesso à história.

Não apenas Bentinho como também Paulo Honório usam esse recurso narrativo de registrar sua própria história nas páginas de um livro. Desse modo, toda a responsabilidade da narração está nas mãos do personagem ciumento, reificador³ e, sobretudo, proprietário. Quando ele começa a escrever, procura restabelecer, agora noutra campo de atividade, sua forma usual de relação com o outro: quer que façam o que manda. Mas como isso não é possível, assume a narrativa sozinho e a conduz da mesma maneira como conduzia os negócios.

Esse narrador capcioso que sujeita a convenção literária as suas prerrogativas de classe, responde à arbitrariedade do proprietário de terras em face de seus dependentes e esconde seus interesses impúblicáveis, segundo Schwarz (1997, p. 41). Sua reconstituição do passado é egoísta, unilateral, complacente consigo mesmo, pois tenta absolvê-los das graves situações pelas quais foram responsáveis.

Além disso, Bentinho e Paulo Honório são enganadores que tentam persuadir a si próprios e aos leitores de uma dada versão de sua história, baseada na verossimilhança dos fatos:

Notei que Madalena namorava os caboclos da lavoura. Os caboclos, sim senhor. Às vezes o bom senso me puxava as orelhas: isso não tem pé nem cabeça. [...] Os meus olhos me enganavam. Mas, se os meus olhos me enganavam, em que me havia de fiar então? Se eu via um trabalhador de enxada fazer um aceno a ela! (RAMOS, 2008, p. 178.)

Para eles, contava mais a verossimilhança da situação criada do que a verdade proporcionada pelo exame detido dos fatos. Bentinho também via as lágrimas de Capitu sobre o defunto Escobar como confirmação de sua traição, por acreditar que os acontecimentos se encaixavam e podiam ser explicados pelo verossímil.

³ Neste trabalho, faremos uso do conceito marxista de reificação, conforme descrito pelo pensador George Luckás (1974). Lukács define a reificação como um processo no qual uma determinada relação concreta entre homens (no capitalismo, esses homens são o empregado e o patrão) é dissimulada mediante uma objetividade ilusória e assume a feição de coisa.

Conclusão

Podemos concluir que, nesses romances, o problema do ciúme advém da concepção que têm os personagens masculinos - Bentinho e Paulo Honório – do que seja o casamento. Desde a sociedade patriarcal brasileira do Segundo Reinado até o início do século XX, percebemos que as relações de poder pouco mudaram. A transformação de monarquia em república não eliminou a antiga estrutura do poder.

Essas obras literárias mostram o Brasil da herança colonial, em cujo prolongamento está a intangibilidade do mando dos proprietários, uma ordem social conservadora e, sob muitas formas, fracassada e autodestruidora de conservar seu poder. A crítica social, nesse caso, vai ser construída pelo discurso de quem detém o poder, os proprietários de terras, por isso há naturalização das injustiças que eles cometem tanto com os empregados e dependentes, como com as próprias esposas. A arbitrariedade é um dado inerente a esse narrador, devido a sua condição de classe.

Referências

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 1. ed. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008. Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp, 2006.

COUTINHO, Carlos Nelson. Uma análise estrutural dos romances de Graciliano Ramos. **Revista Civilização Brasileira**. n. 5/6, 1966.

GLEDSON, J. **Machado de Assis: impostura e realismo – uma reinterpretação de Dom Casmurro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

LINS, Álvaro. Valores e misérias das Vidas Secas. In: **Vidas secas**. 32. ed. São Paulo: Martins, 1974.

LUCKÁS, George. **História e consciência de classe, estudos de dialética marxista**. Porto: Escorpião, 1974.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 87. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **Vidas secas: 70 anos**. Rio de Janeiro: Record, 2008. Edição especial comemorativa ilustrada.

SANTIAGO, Silviano. Retórica da verossimilhança. In: **Uma literatura nos trópicos, ensaios sobre dependência cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHWARZ, Roberto. A poesia envenenada de Dom Casmurro. In: **Duas meninas**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.